

22º ANIVERSÁRIO DA DEDICAÇÃO DA CATEDRAL

06.10.2023 (18.00h)

Ne 8, 2-4ª; Ef 2, 19-22; Mt 16, 13-19

Homilia

Caro Senhor D. Fernando,
Estimado Senhor Vigário-Geral
Queridos padres e diáconos,
Caríssimos seminaristas,
Irmãos e irmãs!

1. Eis-nos aqui reunidos, nesta bela e solene Catedral da nossa Diocese de Bragança-Miranda, guiados pelo Espírito que faz de muitos um só corpo, para celebrarmos o 22º aniversário da sua dedicação.

Aqui nesta casa, *“situada no tempo para habitação da eternidade, aqui celebramos a claridade, porque Deus nos criou para a alegria”* – palavras da poesia de Sophia de Mello Breyner (A Casa de Deus, Páscoa 1990).

Na sua reposta à confissão de Pedro (Mt 16, 13-19), Jesus fala da sua Igreja: *«Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja»*. Que significa isto? Jesus constrói a Igreja sobre a rocha da fé de Pedro, que confessa a divindade de Cristo

Sim, a Igreja não é uma simples instituição humana, como outra qualquer, mas está intimamente unida a Deus. O próprio Cristo Se refere a ela como a «sua» Igreja. Não se pode separar Cristo da Igreja, tal como não se pode separar a cabeça do corpo (cf. 1 Cor 12, 12). A Igreja não vive de si mesma, mas do Senhor. Ele está presente no meio dela e dá-lhe vida, alimento e fortaleza.

2. Que esta celebração fortaleça a fé que nos tem sido transmitida desde os apóstolos, e nos leve a colocar Cristo, Filho de Deus, no centro da nossa vida. *“Sois edifício construído sobre o alicerce dos Apóstolos e dos Profetas, que tem Cristo Jesus como pedra angular”* (Ef 2, 19 – recordou-nos Paulo na Segunda Leitura.

Seguir Jesus na fé é caminhar com Ele na comunhão da Igreja. Não se pode, sozinho, seguir Jesus. Quem cede à tentação de seguir «por sua conta» ou de viver a fé segundo a mentalidade individualista, que predomina na sociedade, corre o risco de nunca encontrar Jesus Cristo, ou de acabar seguindo uma imagem falsa d’Ele.

Amemos a Igreja, amemos a nossa Igreja Diocesana, presente em cada uma das suas comunidades, que nos gerou na fé, que nos ajudou a conhecer melhor Cristo, que nos fez descobrir a beleza do Seu amor.

Que este dia e esta liturgia favoreçam e fortaleçam a consciência de que a Igreja existe para evangelizar e deve reconhecer-se em estado permanente de missão.

3. Caríssimos Presbíteros e Diáconos da nossa querida diocese de Bragança-Miranda, permiti que abra o meu coração: não existe ministério episcopal sem vós, como primeiros e indispensáveis colaboradores e companheiros de peregrinação.

É meu desejo cultivar o mais possível a amizade fraterna com cada um de vós. Contai sempre comigo, como vosso irmão e amigo. Ajudai-me a ser pai e pastor, missão exigente que o Senhor me confiou através do Papa Francisco.

A nossa Igreja Diocesana lança-nos, hoje, muitos desafios. A realidade social e pastoral, em que vivemos, exige de todos nós generosidade, coragem, muita confiança e também alguma paciência. Só assim, poderemos ir ao encontro dos homens e das mulheres do nosso tempo, das crianças, dos jovens, dos casais, dos mais idosos: para anunciarmos, celebrarmos e partilharmos a alegria do Evangelho. Sejamos “igreja em saída” para testemunhar que também hoje é possível, belo e bom pôr em prática cada palavra de Cristo, viver a nossa existência pessoal e relacional à luz do Evangelho.

Não tenhamos medo, “ninguém o viu ainda, mas é belo. É o futuro ...” (Miguel Torga, “Hossana”, in Poesia Completa, vol. I, Lisboa, Dom Quixote, 2007, p. 410). Palavras de Miguel Torga a convidar-nos sempre a avançar, a peregrinar. Não tenhamos medo, não somos uma “igreja outonal”, mas sim “igreja primaveril”, sempre a ser gerada e alimentada por Cristo!

Da liturgia à caridade, da catequese ao testemunho de vida, tudo na Igreja deve tornar audível, visível e reconhecível o rosto belo de Cristo, a centralidade do Seu mistério integral. O mesmo e único mistério de Cristo, anunciado, celebrado e vivido na alegria do tempo presente – o eterno hoje da salvação de Deus -, que abraça todo o tempo, passado, presente e futuro e se torna presença perene na Igreja através da Liturgia.

4. Estamos em movimento desde 10 de outubro de 2021, quando o Papa Francisco convocou toda a Igreja para o Sínodo “*Por uma igreja sinodal: comunhão, participação e missão*”. Temos experimentado a alegria do encontro sincero e respeitoso entre irmãos e irmãs na fé, pois encontrar-se com os outros é encontrar-se com o Senhor que está no meio de nós!

Na homilia da Missa de abertura da Assembleia Sinodal (04.10.2023) a decorrer, em Roma, o Papa Francisco afirmou: “*Esta é a questão fundamental. E este é o dever primário do Sínodo: centrar de novo o nosso olhar em Deus, para sermos uma Igreja que olha, com misericórdia, a humanidade. Uma Igreja unida e fraterna, que escuta e dialoga; uma Igreja que abençoa e encoraja, que ajuda quem busca o Senhor, que estimula benevolmente os indiferentes, que abre caminhos para iniciar as pessoas na beleza da fé. Uma Igreja que tem Deus no centro e, conseqüentemente, não se divide internamente e nunca é dura externamente. É assim que Jesus quer a Igreja, a sua Esposa.*”

Temos, hoje, mais consciência de que uma Igreja sinodal se funda no reconhecimento da dignidade comum derivada do Batismo, que torna todos os que o recebem filhos e filhas de Deus, membros da família de Deus e, portanto, irmãos e irmãs em Cristo, habitados pelo único Espírito e enviados para cumprir uma missão comum, caminhando lado a lado com todos. Recordava-nos Paulo, na Segunda Leitura: “*Já não sois estrangeiros nem hóspedes, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus*” (Ef 2, 19).

5.A comunhão e a missão nutrem-se da participação comum na Eucaristia, que faz da Igreja um corpo «*reunido e unido*» (Ef 4,16) em Cristo, capaz de caminhar em conjunto rumo ao Reino. Uma Igreja sinodal nutre-se incessantemente na fonte do mistério que celebra na liturgia, «*a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde dimana toda a sua força*» (SC 10), e em particular na Eucaristia.

Uma Igreja sinodal é uma Igreja do encontro e do diálogo, que escuta e procura ser humilde, sendo capaz de pedir perdão e que tem muito a aprender. É aberta, acolhedora e abraça a todos, mas sabe propor e anunciar, respeitosamente, caminhos novos a partir do Evangelho, numa compreensão sempre mais profunda da relação entre o amor e a verdade.

Uma Igreja sinodal é capaz de lidar com as tensões sem ser esmagada por elas, procurando sempre recompor a unidade: curar as feridas e reconciliar a memória, acolher as diferenças, procurando ser “*sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano*” (LG 1).

Temos consciência de que as instituições e estruturas por si só não são suficientes para tornar a Igreja sinodal: são necessárias uma cultura e uma espiritualidade sinodais (Foi bela e importante a reflexão desta tarde do Sr. D. Fernando, Bispo de Zamora, sobre a “*espiritualidade sinodal*”), animadas por um desejo de conversão ao Evangelho, alimentadas pela Eucaristia e sustentadas por uma formação adequada: integral, inicial e permanente, para todos os membros do Povo de Deus.

6.São dirigidas a todos nós as palavras da Primeira Leitura: “*Hoje é um dia consagrado ao Senhor vosso Deus. Não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é a vossa fortaleza*” (Ne 8, 10).

Após a JMJ, juntamente com os jovens, testemunhemos e levemos a alegria do Evangelho a todos. Partimos juntos, sinodalmente, à procura dos melhores caminhos, na escuta recíproca e na atenção ao Espírito Santo, na certeza de que o mais importante é olharmos sempre para Aquele caminhante misterioso de Emaús que constantemente nos ilumina o caminho e nos fortalece com a Sua presença.

Assim seremos uma Igreja cada vez mais feliz, fiel e fiável: discípulas e discípulos missionários, de idades e condições diferentes, mas unidos no nome de Jesus. E Ele diz-nos de novo: “*Não temais ... Estou convosco até ao fim dos tempos*”! (Mt 28, 20).

+Nuno Almeida
Bispo de Bragança-Miranda